

## ALMANAQUE LUNÁRIO PERPÉTUO: PERMANÊNCIA E RELEITURAS NA CULTURA POPULAR<sup>1</sup>

*LUNÁRIO PERPÉTUO ALMANAC: PERMANENCE AND RETELLINGS IN POPULAR  
CULTURE*

Leonardo Talone Neto <sup>2</sup>  
Regina Maria Marteleto <sup>3</sup>

**Resumo:** “Lunário Perpétuo” é um almanaque produzido no século XVI pelo espanhol Jerónimo Cortés (ca. 1560-ca. 1615). Amplamente reeditado, circulou pela Espanha, Portugal e Brasil, onde se popularizou no Nordeste, influenciando estudiosos, folcloristas, artistas e a cultura popular durante séculos. Insere-se na tradição dos almanaques populares, contendo conhecimentos e saberes relacionados a diversos temas, como astrologia, meteorologia, astronomia, calendários, saúde, religião, agricultura, provérbios e conselhos para o bem-viver. O objetivo é compreender as formas como o Lunário alcançou permanência documentária e informacional na cultura brasileira através de suas releituras e apropriações por diferentes atores. No tratamento conceitual, estudam-se os almanaques enquanto documentos, objetos culturais e dispositivos infocomunicacionais da cultura popular escrita. Metodologicamente, realizam-se dois procedimentos: a) análise temática de um corpus de exemplares do Lunário, a fim de identificar sua estrutura e temáticas recorrentes; b) análise de sua releitura pela Escola de Samba Unidos do Porto da Pedra no Carnaval do Rio de Janeiro, que em 2024 teve como enredo “Lunário Perpétuo: a profética do saber popular”. Nos resultados, apresentam-se elementos que apontam para um modo de ser do Lunário, que sustentou sua releitura por escritores e artistas como Ariano Suassuna e Antonio Nóbrega e sua inspiração para artistas populares por meio do sentido de festa, símbolo de força e resistência da cultura popular, como trabalhado pelo historiador Luiz Antônio Simas. Conclui-se que o Lunário é um documento e dispositivo infocomunicacional que continua presente no imaginário coletivo e na cultura popular brasileira, e destaca a relevância duradoura da comunicação popular escrita.

---

<sup>1</sup> Artigo ampliado a partir de trabalho completo submetido, avaliado, aprovado, apresentado e premiado no GT 3 do XXIV ENANCIB.

<sup>2</sup> Mestre em Ciência da Informação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) em convênio com o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT). E-mail: [leotalone@gmail.com](mailto:leotalone@gmail.com). ORCID: <http://lattes.cnpq.br/0127709552298915>

<sup>3</sup> Doutora em Comunicação (UFRJ). Docente do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação PPGCI-IBICT/UFRJ. E-mail: [regina.mar2@gmail.com](mailto:regina.mar2@gmail.com). ORCID: <http://lattes.cnpq.br/6352285207676599>

**Palavras-Chave:** Almanaque. Lunário Perpétuo. Documento. Dispositivo infocomunicacional. Comunicação popular escrita.

**Abstract:** “Lunário Perpétuo” is an almanac produced at the 16th century by the Spaniard Jerónimo Cortés (ca. 1560-ca. 1615). Widely reprinted, it circulated throughout Spain, Portugal and Brazil, where it became popular, influencing scholars, folklorists, artists and popular culture for centuries. It is part of the tradition of popular almanacs, containing knowledge and wisdom related to various topics, such as astrology, meteorology, astronomy, calendars, health, religion, agriculture, proverbs and well-being advice. The objective is to understand the ways in which Lunário has achieved documentary and informational permanence in Brazilian culture through its retellings and appropriations by different actors. Conceptually, almanacs are studied as documents, cultural objects and infocommunicational devices of written popular culture. Methodologically, two procedures are carried out: a) thematic analysis of a corpus of copies of Lunário, in order to identify its structure and recurring themes; b) analysis of its retellings by the Unidos do Porto da Pedra Samba School at the Rio de Janeiro Carnival, whose 2024 theme was “Lunário Perpétuo: the prophetic of popular knowledge”. The results present elements that point to a way of being of Lunário, which has sustained its retellings by writers and artists such as Ariano Suassuna and Antonio Nóbrega and its inspiration for popular artists through the sense of celebration, symbol of strength and resistance of popular culture. Concludes that Lunário is a document and infocommunicational device that continues to be present in the collective imagination and in Brazilian popular culture, and highlights the lasting relevance of written popular communication.

**Keywords:** Almanac. Lunário Perpétuo. Document. Infocommunicational device. Written popular communication.

## 1 INTRODUÇÃO

Em 11 de fevereiro de 2024, a Escola de Samba Unidos do Porto da Pedra, do município de São Gonçalo, Rio de Janeiro, abriu a noite de desfiles do Grupo Especial do Carnaval do Rio de Janeiro, no Sambódromo da Marquês de Sapucaí. Com o enredo “Lunário Perpétuo: a profética do saber popular”, a Escola reverenciou os ensinamentos de um almanaque do final do século XVI conhecido como “Lunário Perpétuo”, criado pelo espanhol Jerónimo Cortés (ca. 1560-ca. 1615). O almanaque circulou amplamente pela Espanha e Portugal, foi trazido ao Brasil pelos colonizadores e tornou-se o livro mais lido nos sertões do Nordeste durante dois séculos, inspirando a cultura popular da região (Almeida, 2012; Cascudo, 2024).

O desfile prestou homenagem aos saberes populares e à cultura nordestina, explorando uma variedade de elementos inspirados no Lunário e no imaginário que o envolve, com temas como a busca pelo saber, a alquimia, a astrologia, o zodíaco, a profética da chuva, a cura do corpo e da alma e as ervas medicinais populares (Porto da Pedra, 2024). No Nordeste, o Lunário foi amplamente difundido especialmente através de artistas populares, poetas, cantantes e emboladores que buscavam nele fonte de inspiração, bem como de variados leitores ávidos por saberes sobre curas, tratamentos de doenças, prognósticos lunares, horóscopo e muito mais (Marteleto; Dourado, 2019). O almanaque era muito presente nas residências, e foi “possuído, lido, relido, recitado, escutado, comentado, e seus ensinamentos devidamente apropriados” por gerações de famílias (Figueirêdo, 2014, p. 27).

Luiz Antonio Simas (2018), historiador, professor e pesquisador da cultura popular no Brasil, publicou em 2018 o livro “Almanaque brasilidades: um inventário do Brasil popular”, inspirado nos almanaques populares. Em um de seus verbetes, cita o Lunário e o define como “um dos livros fundamentais do Brasil”. Segundo ele, Luís da Câmara Cascudo, folclorista e historiador, “morreu cego, mas com um exemplar do Lunário Perpétuo, edição de 1918, em cima do criado-mudo”. Capistrano de Abreu, importante historiador do século XIX, “dizia não acreditar em padres, feiticeiros, filósofos ou coisas que o valha. Não abria mão, porém, de consultar o Lunário para informar-se sobre os desígnios dos astros”. Ainda hoje os cantadores de São José do Egito consultam “velhíssimas edições do livro para versar seus desafios em gestas imemoriais” (Simas, 2018, p. 248).

O Lunário Perpétuo, como é popularmente conhecido, mas cujo título completo é “O non plus ultra do lunário e prognóstico perpétuo geral e particular

para todos os reinos e províncias”, foi originalmente publicado em 1594 em Valência, na Espanha (Almeida, 2012). Foi reeditado várias vezes, tendo sido expurgado pela Inquisição em 1632, em seguida revisto e publicado em nova versão, sendo um dos livros escritos em castelhano mais populares de todos os tempos. Foi traduzido para o português por Antonio da Silva de Brito e publicado em Portugal pela primeira vez em 1703, na oficina de Miguel Manescal em Lisboa (Medeiros, 2015). Cruzando o Oceano Atlântico e desembarcando no Brasil durante o período em que era colônia portuguesa, o Lunário foi gradualmente se difundindo no país, se estabelecendo como fonte de informação de grande popularidade e ampla circulação.

Correspondendo à tradição secular dos almanaques populares, é um livro repleto de informações, conhecimentos e saberes relacionados a uma variedade de temas, como astrologia, horóscopo, previsões do tempo, fases da lua, eclipses do sol, calendários, festas móveis, receitas médicas, remédios, vidas de santos, biografias de papas, conhecimentos agrícolas, veterinária e outras generalidades (Cascudo, 2024). Contém também elementos próprios aos almanaques populares, como provérbios e conselhos para o bem viver, oferecendo orientações que visam a saúde do corpo e da alma. O Lunário foi para muitos um manual que ensinava sobre a vida, tanto em questões práticas quanto existenciais, bem como uma enciclopédia de consulta constante e atemporal.

Com tamanha relevância informacional e cultural, é de se surpreender como os exemplares do Lunário, bem como dos almanaques em geral, não foram considerados válidos o bastante para merecer uma preservação institucional sistemática no Brasil. Quase se perderam, como observam Marteleto e Dourado (2019). Com raras exceções, como a Biblioteca Nacional e

o Real Gabinete Português de Leitura, em geral os almanaques não foram considerados dignos de guarda pelas instituições oficiais, como bibliotecas, arquivos e museus. Muitos dos almanaques remanescentes sobreviveram graças às coleções de acervos pessoais, frequentemente transmitidos por gerações familiares (Dourado, 2018)<sup>4</sup>.

Nesse sentido, a pesquisa tem como pergunta de partida: de que formas o Lunário Perpétuo permanece e se manifesta na cultura popular brasileira? Portanto, o objetivo do estudo é compreender os modos como o Lunário Perpétuo alcançou permanência documentária e informacional na cultura brasileira através de suas releituras e apropriações por diferentes atores. Inserido em uma pesquisa mais ampla de dissertação de mestrado sobre a presença do Lunário na cultura brasileira, este artigo busca analisar uma de suas manifestações: a releitura do almanaque realizada pela Escola de Samba Unidos do Porto da Pedra em seu desfile de 2024.

Aqui, compreendemos os almanaques como documentos, objetos culturais e dispositivos de informação e comunicação da cultura popular escrita. Nesse sentido, parte-se do pressuposto de que o Lunário Perpétuo é uma importante fonte de informação e cultura, com forte relevância social, cultural e informacional nos contextos sócio-históricos em que circulou, além de ainda permanecer na cultura popular, inspirando poetas, escritores, cantadores, músicos e artistas nos dias de hoje.

---

<sup>4</sup> Dourado (2018), em sua tese de doutorado em Ciência da Informação, realizou uma análise de conteúdo de uma coleção de almanaques de farmácia pertencentes à família Carneiro Rezende, guardada e alimentada por gerações. A autora analisou 241 exemplares de 55 títulos de almanaques publicados no período de 1906 a 2014.

## 2 ALMANAQUES: DOCUMENTOS E DISPOSITIVOS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO DA CULTURA POPULAR ESCRITA

Os almanaques são brochuras populares de caráter enciclopédico, geralmente publicadas anualmente e organizadas tendo como referência o calendário do ano entrante. Caracterizam-se pela mistura de diferentes discursos, gêneros textuais, formas de enunciação e de organização de saberes. Constituem-se como um meio de instrução e um tipo de manual prático de sobrevivência que abrange tanto a informação enciclopédica, científica e especializada quanto as tradições, saberes, credences e narrativas populares, tendo a função de informar e contar histórias (Guerreiro; Correia, 1986; Ferreira, 2001; Marteleto; Guimarães; Nóbrega, 2009; Marteleto; Couzinet, 2013; Dourado; Marteleto, 2017).

Sua difusão se expande no século XV, na Europa, após a invenção da imprensa de tipos móveis por Johannes Gutenberg, tendo circulado amplamente no Brasil nas cidades e na zona rural. O almanaque tem um papel importante em ajudar a contar a história dos modos de circulação do que Jeanneret (2008) designa de “objetos culturais”. Desde os almanaques manuscritos, passando pelos almanaques que se popularizaram com a criação da imprensa e os almanaques de farmácia brasileiros do século XX, até os formatos contemporâneos, os almanaques tiveram importante papel na formação de uma sociedade leitora, especialmente entre as camadas mais humildes e rurais (Park, 2010).

Estas publicações constituem-se em objetos eminentemente culturais, em um campo de encontro entre cultura popular e cultura erudita. De um lado, “o saber popular, no campo meteorológico, médico, narrativo, atinge os cidadãos e os letrados; por outro, a ciência dos eruditos penetra nos ambientes

populares” (Le Goff, 2021, p. 480). Martín-Barbero (2013, p. 156-157) afirma que os almanaques são lugares de misturas e entrecruzamentos especiais. Neles, “o que se mistura são diferentes tipos de saberes. Saberes de baixo e saberes de cima, saberes velhos e novos, astrologia e astronomia, medicina popular e nem tão popular, romance e história”. Embora os almanaques sejam geralmente considerados instrumentos populares, podem conter textos de cientistas, escritores e intelectuais em geral. O adjetivo “popular” se daria, portanto, mais em razão do público a que estes livros foram tradicionalmente destinados (Marteleto, 2016, p. 49).

Burke (2010) define o termo “cultura popular” como uma cultura não oficial, uma cultura da não elite, das “classes subalternas”, como denomina Antonio Gramsci. Mas o autor observa que sempre existiu um tráfego de mão dupla entre a “cultura popular” e a “cultura erudita”: elas se afetam mutuamente. As elites e o povo sempre consumiram e se apropriaram de elementos tanto da cultura “erudita” quanto da “popular”. Nesse contexto, o autor cunha o termo “biculturalidade” para descrever a situação dos membros das elites europeias do começo dos tempos modernos que participavam de uma cultura popular ao mesmo tempo que de uma cultura erudita da qual as pessoas comuns eram excluídas, evidenciando a indistinção de seus limites.

Os almanaques são classificados por Pellegrini Filho (2009) na classe de brochuras populares, em seu estudo sobre a Comunicação Popular Escrita. Nesta pesquisa, o autor realizou um levantamento de diferentes mensagens de comunicação popular, coletando e classificando 14.014 manifestações de 107 países. Foram analisados uma infinidade de enunciados escritos, definidos aqui como “produtos de atos comunicacionais grafados em diferentes suportes e que permanecem, mesmo após seu(s) autor(es) se ausentar(em)” (Pellegrini Filho,

2009, p. 48). Define-se a comunicação popular escrita como um universo “de manifestações verbais, comuns em sociedades letradas e feitas em diversos suportes [...], sendo de se notar a presença de liberdade de expressão, mimese, constante atualização e reatualização de conteúdos (em função de contextos socioculturais)” (Pellegrini Filho, 2009, p. 48-49). Acerca dos conteúdos dessas mensagens, a pesquisa compreende que “às vezes o assunto é de origem erudita, porém vale o uso que o povo faz do texto” (Pellegrini Filho, 2009, p. 84).

Ainda que para muitos os almanaques sejam vistos como “não-documentos”, devido ao seu caráter de publicação popular dirigido às camadas menos ilustradas social e culturalmente, estes objetos constituem-se de fato como documentos, que carregam em torno de si forte dimensão social, cultural, informacional, material e simbólica. Circulam em uma ampla rede de atores e são apropriados pelos sujeitos, que criam diferentes leituras, significados e conseqüentemente novas informações e documentos.

De acordo com Meyriat (2016, p. 241), um “documento pode ser definido como um objeto que suporta a informação, que serve para comunicar e que é durável (a comunicação pode, assim, ser repetida)”. Para ele, a definição de documento opera por meio de duas noções inseparáveis: “uma de natureza material (o objeto que serve de suporte), e outra conceitual (o conteúdo da comunicação, isto é, a informação)” (Meyriat, 2016, p. 241).

Para Frohmann (2008), o documento é a maneira pela qual a informação se materializa, e a “materialização da informação através da documentação nos ajuda a compreender o caráter público e social da informação” (Frohmann, 2008, p. 30). Para o autor, sem a atenção à materialidade da informação, isto é, à documentação, muitas das considerações culturais, sociais, políticas e éticas se perdem nos estudos da informação. Como Marteleto e Nóbrega (2006)

destacam, as práticas informacionais se dão nos domínios da cultura: são processos sociais e culturais, e seus contextos são determinantes para sua efetivação. Portanto, a informação não é uma entidade, material ou processo separada das práticas e representações dos sujeitos sociais, que estão inseridos em espaços e contextos culturais. “A informação, o conhecimento, a comunicação são fenômenos que se concretizam tanto nas práticas e representações sociais, como nas relações que se estabelecem entre os sujeitos coletivos” (Marteleto; Nóbrega, 2006, p. 40, tradução própria).

A informação pode ser compreendida, assim, como elemento de produção de sentido, de modificação de estruturas sociais, cognitivas e linguísticas, com grande poder de significação e transformação da realidade. Nesse sentido, considerando as práticas informacionais como processos culturais, devemos voltar o olhar “para os discursos e documentos da cultura, porque é através deles que observamos mais profundamente as interpretações e os vínculos simbólicos e materiais que as sociedades históricas estabelecem com a realidade” (Marteleto; Nóbrega, 2006, p. 35, tradução própria). Retomando a noção foucaultiana de discurso, pode-se afirmar que é nos discursos que percebemos com mais detalhes a informação (a própria cultura) como produto construído coletivamente pelos sujeitos sociais, pelas suas representações e ações, ou seja, pelas suas práticas informacionais.

Para Marteleto e Nóbrega (2006, p. 41), podemos entender o documento, então, como um objeto testemunhal, significando uma materialidade portadora de um discurso de poder. O documento, nesse sentido, é cada vez mais um texto a ser apreendido através da leitura que o decifrará como uma possibilidade crítica de apreensão do mundo.

O objeto ora em análise, o Lunário Perpétuo (bem como os almanaques populares em geral), enquanto documento da cultura e objeto testemunhal, carrega discursos, e é através deles que podemos compreender as interpretações e vínculos simbólicos e materiais que os atores que o produziram e o apropriaram estabeleceram com a realidade (Marteleto; Nóbrega, 2006). Enquanto documento, se estabelece como um dispositivo de produção de sentidos, ou, em outros termos, como um dispositivo infocomunicacional.

O uso do termo “dispositivo” no contexto das ciências sociais tem origem na formulação realizada por Michel Foucault (1994). Para ele, dispositivo é um conjunto heterogêneo que inclui “discursos, instituições, arranjos arquitetônicos, decisões regulatórias, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas, enfim: o dito, assim como o não-dito” (Foucault, 1994, p. 299, tradução própria). Foucault entende que o dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos.

Marteleto e Couzinet (2013, p. 8) compreendem que o conceito de dispositivo pode ser estudado e empregado para compreender “os arranjos técnicos de informação e comunicação e, neles, o papel indispensável de redes heterogêneas na produção de saberes, de relações de poder, de subjetividades e de objetividades”. As autoras compreendem que se um dispositivo tem a intenção de fazer saber, tal intenção é indissociável do conteúdo. “Este último, em cujo âmbito a informação encontra-se latente, constitui também uma razão de ser do dispositivo” (Marteleto; Couzinet, 2013, p. 8). Para Jeanneret (2005), o dispositivo infocomunicacional é estudado na Ciência da Informação enquanto objeto material mediador que designa o conjunto de substratos materiais da comunicação. Agostinelli (2009) define estes dispositivos como artefatos de

comunicação que amplificam a comunicação, organizam a interação humana e modificam os modos de produção, de gestão e de tratamento da informação.

De acordo com Marteleto e Couzinet (2013, p. 4), para estudar o dispositivo infocomunicacional e mapear suas zonas de mediações é importante compreender que ele “está associado aos quadros de ação dos sujeitos que o constituem, inseridos em determinadas estruturas e redes de relações e limitações que circunscrevem os usos e as apropriações dos conhecimentos, das técnicas e das informações”. Portanto, é importante indagar sobre os sujeitos e seu papel na construção ou desconstrução dos dispositivos como uma rede de elos sociais que ligam diversos atores: aquele que produz a informação, aquele que possibilita sua circulação através de artefatos técnicos, aquele que facilita sua difusão e aquele que se apropria da informação (Marteleto; Couzinet, 2013).

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente estudo, um recorte de pesquisa de mestrado, se trata de uma pesquisa bibliográfica e documental de natureza qualitativa. Em um primeiro momento, foram realizadas buscas por pesquisas e textos que tratam do Lunário Perpétuo, com o objetivo de alcançar a compreensão do seu valor cultural, social e histórico. Foram utilizadas as bases de dados Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes); Base de Dados em Ciência da Informação (Brapci); *Scientific Electronic Library Online* (SciELO); *Web of Science*; *Scopus*; Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD); *Library, Information Science & Technology Abstracts* (LISTA) e Google Acadêmico.

Os resultados das buscas foram limitados, evidenciando a falta de literatura sobre este almanaque. Excluindo duplicatas, até o dia 24 de abril de 2024, foram encontrados 4 resultados na BDTD, 1 na Brapci, 3 no Portal de Periódicos da CAPES, e nenhum na SciELO, *Web of Science*, *Scopus* e LISTA. A busca no Google Acadêmico somou 328 resultados, e após busca minuciosa, verificou-se que destes, poucos tratam de pesquisas acadêmicas.

Em seguida, foram buscadas edições do Lunário Perpétuo em bibliotecas, plataformas digitais e bibliografias, de modo a vislumbrar a circulação do livro por meio de seus empreendimentos editoriais. Foi possível constatar a existência de ao menos 159 edições desde o ano de 1594 até 2023, publicadas principalmente na Espanha, Portugal e França, sendo as edições desde a década de 1970 em sua maioria fac-similares. Das edições encontradas, foi possível acessar 45 exemplares, dentre eles 14 portugueses, em formato digital ou físico em acervos pessoais ou institucionais da Biblioteca Nacional e do Real Gabinete Português de Leitura, no Rio de Janeiro.

Dentre as edições levantadas, foram identificadas 107 da Espanha, 36 de Portugal (publicadas em Lisboa, Porto e Coimbra) e uma brasileira (publicada no Rio de Janeiro em 1848 pelos editores Laemmert). Destas, foi possível acessar 14 exemplares portugueses. Em seguida, estabeleceu-se um corpus documental de quatro edições portuguesas do Lunário a fim de realizar uma leitura analítica com base no método de análise temática, conforme proposto por Braun e Clarke (2006).

De acordo com as autoras, a análise temática é um “método para identificar, analisar e relatar padrões (temas) dentro de dados. Ele organiza e descreve minimamente os dados com (rico) detalhamento” (Braun; Clarke, 2006, p. 79, tradução própria). Braun e Clarke (2006, p. 82, tradução própria)

compreendem que “um tema captura algo importante sobre os dados em relação à pergunta de pesquisa e representa algum nível de resposta ou significado padronizado dentro de um conjunto de dados”.

As edições selecionadas para o corpus documental da pesquisa foram publicadas nos anos de 1757, 1897, 1910 e 2004. Buscou-se aqui um recorte que contemplasse os quatro séculos desde a tradução do Lunário para o português até os tempos atuais. Destas, duas encontram-se digitalizadas (Cortez 1757, 1910) e duas foram consultadas em formato impresso (Cortez, 1897, 2004). A edição de 1757, publicada em Lisboa na Oficina de Domingos Gonsalves, é a mais antiga em português que pôde ser consultada, publicada 54 anos após a primeira edição portuguesa de que se tem registro, de 1703. A edição de 1897 foi publicada pela Livraria de Antonio Maria Pereira, em Lisboa. A edição de 1910 foi publicada pela Livraria Chardron de Lello & Irmão, no Porto. Por fim, a edição de 2004 foi publicada na mesma cidade pela mesma editora, então sob o nome de Lello Editores.

Através da aplicação da análise temática sobre o corpus selecionado, foram identificados, categorizados e analisados os conteúdos e assuntos tratados no Lunário Perpétuo de modo a compreender a sua estrutura informacional-comunicacional e documentária enquanto um dispositivo da cultura popular escrita. Buscou-se identificar também as redes de atores envolvidos na produção, edição, leitura e apropriação do Lunário Perpétuo nos cenários português e brasileiro.

Em um segundo momento da pesquisa, a análise foi expandida para abranger a circulação, as leituras, releituras e apropriações do Lunário Perpétuo, investigando sua influência em manifestações artísticas e culturais brasileiras. Para isso, foram conduzidas pesquisas bibliográficas sobre a literatura existente

a respeito do almanaque, bem como pesquisas documentais sobre manifestações artísticas e culturais a ele associadas.

Dentre as manifestações influenciadas pelo Lunário Perpétuo, identificou-se e analisou-se a sua releitura pela Escola de Samba Unidos do Porto da Pedra no Carnaval do Rio de Janeiro de 2024, concebida pelo carnavalesco Mauro Quintaes. A escola teve Diego Araújo como enredista, e o samba-enredo foi composto por Guga Martins, Passos Júnior, Gustavo Clarão, Lucas Macedo, Leandro Gaúcho, Clairton Fonseca, Richard Valença, Gigi da Estiva, Abílio Jr., Marquinho Paloma, Cristiano Teles e Ailson Picanço. A interpretação ficou a cargo do cantor Wantuir Oliveira, e a bateria esteve sob o comando de Mestre Pablo. A direção de carnaval foi conduzida por Aluízio Mendonça, enquanto Amauri de Oliveira assumiu a direção de harmonia.

## 4 RESULTADOS

A análise temática evidenciou uma variedade de assuntos de porte informacional e pedagógico no Lunário Perpétuo, além de discursos e atores da ciência, da medicina, da religião, da astrologia, das artes e dos saberes populares. Seus principais conteúdos estão relacionados ao tempo, astronomia, astrologia, meteorologia, agricultura, saúde, lar, religião e o lúdico. A análise comparativa entre as edições permitiu identificar padrões, permanências e transformações do Lunário Perpétuo ao longo dos séculos. Embora haja ampla variação estrutural e temática entre elas, observa-se uma estrutura recorrente que confere identidade à obra em meio a tantas modificações.

Tomando como referência o almanaque de Jerónimo Cortés, passou-se à análise do desfile e do samba-enredo da Escola de Samba Unidos do Porto da

Pedra de modo a refletir sobre as formas de circulação e permanência do Lunário na cultura popular brasileira por meio de suas releituras e apropriações.

O carnaval é uma das mais tradicionais manifestações de festa na cultura popular brasileira. Luiz Antonio Simas compreende o carnaval como a “festa da ancestralidade”, entendendo o ancestral como “algo que atravessa o tempo e [que] sempre será contemporâneo, sempre falará com o presente” (Simas, 2023). Ele afirma que o samba “é testemunho e fonte documental” e “nos sambas vivem saberes que circulam; formas de apropriação do mundo; construção de identidades comunitárias [...]; hábitos cotidianos: jeitos de comer, beber, vestir [...], celebrar os deuses e louvar os ancestrais” (Simas, 2022, p. 114). Para ele, as festas são instâncias de construção de sociabilidades e terreiros de produção de saberes diversos que instauram formas sofisticadas de invenção do mundo e dão sentido de vida às comunidades. As festas são símbolo da força e resistência da cultura popular.

No carnaval, um desfile de escola de samba tem uma sequência lógica na qual as alas e os carros alegóricos contam uma história, um enredo. O desfile da Porto da Pedra possuía seis carros alegóricos e 31 alas, e com eles a escola explorou uma variedade de elementos inspirados no almanaque e na cultura popular nordestina, com temas como a busca pelo conhecimento, a alquimia, a astrologia, o zodíaco, a profética da chuva, a cura do corpo e da alma, as ervas medicinais, os folhetos de cordel, as festas tradicionais e os saberes populares.

A comissão de frente era denominada “A busca incessante do saber” e o carro abre-alas “Alquimia dos saberes”. As alegorias representavam a Lua, os astros, a pedra filosofal e, através de alquimistas e astrólogos, os saberes que circularam na Europa medieval e moderna, contexto de produção do Lunário Perpétuo, em uma mistura de ciência e magia. Guiados por um indivíduo que

representava Jerónimo Cortés, criador do almanaque, uma série de assistas fantasiados de alquimistas desfilavam com fantasias em que suas cabeças se fundiam visualmente à imagem da Lua.

As alas seguintes narraram a travessia do Lunário da Europa para o Brasil, onde foi apropriado e suas informações amalgamadas a outros saberes. A travessia é evidenciada pelas alas “Cavalo-marinho”, simbolizando a passagem pelo oceano, e a ala “Conselheiro de quem veio d'outros cantos”, simbolizando os navegantes portugueses. A assimilação do Lunário com os saberes populares brasileiros é representada pelas alas “Saberes indígenas” e “Saberes africanos”. Uma ala denominada “Caixeiros viajantes” simboliza a circulação do Lunário a partir destas figuras que iam de cidade em cidade vendendo remédios, elixires, livretos, almanaques e uma variedade de artigos. A ala dos compositores, chamada “Cantadores do Sertão” também representa a circulação do almanaque por meio dos cantadores, músicos e recitadores que compartilhavam o Lunário através da oralidade e da música. O carro “Profética da chuva” referenciava os profetas da chuva do sertão, que se guiam pelos sinais da natureza, dos animais, dos astros e de publicações populares como o Lunário. O samba-enredo diz em um trecho:

O sertão profetizou, cada flor do Cariri  
A “ciência” desse povo, eu não guardo só pra mim  
Separei as folhas secas misturadas no pilão  
Confiei à rezadeira uma nova oração (Lunário [...], 2024).

Aqui, diversos elementos evidenciam o conteúdo do Lunário e o imaginário que o envolve, como o caráter profético, a religiosidade, os saberes populares passados de geração a geração e os remédios de ervas medicinais. Os saberes de cura do Lunário, apropriados pela medicina popular do sertão, são

representadas pelo carro “Relicário da cura”, as alas “Benzedeiras e parteiras”, “Mercadores de ervas e especiarias”, “Sementes e raízes” e “Folhas e flores”. O carro tinha uma grande figura de uma benzedeira com o Lunário em sua mão, e em sua cintura, ervas e frutos com propriedades medicinais.

Os elementos astrológicos, astronômicos e meteorológicos presentes no Lunário, que se fundem em uma mescla de ciência e sabedoria popular, estão presentes também no samba-enredo. Isso se evidencia nos trechos:

Quarto minguante, a moringa quase seca  
Maré virou... virou luar!  
Tem alambique pra beber na quarta-feira  
Okê Caboclo! Tempo bom vem pra ficar!  
[...]  
Olhe pro céu onde a lua vagueia  
As estrelas brilham no chão  
Sabedoria é a luz que clareia  
Porto da Pedra do meu coração (Lunário [...], 2024).

Aqui, os versos iniciais fazem referência ao calendário lunar e às influências da Lua nos ciclos naturais. A própria definição da palavra “Lunário” é a de um calendário baseado nas fases lunares, o que explica as diversas alusões à Lua. O Lunário é também “prognóstico”, cujo conceito é de previsão do que há de acontecer, o que evidencia a centralidade da noção de tempo nestes dispositivos. Os versos também remetem à seca que aflige o sertão nordestino, representada pela escassez de água na moringa durante a Lua em quarto minguante. Em seguida, a chegada da Lua cheia e a virada da maré marcam a renovação, trazendo água e anunciando “tempo bom”. Os versos evocam a sabedoria popular que se guia pelos astros, dos indivíduos que olham e interpretam o céu, a lua e as estrelas.

Ao narrar a jornada do Lunário desde suas origens até seus reflexos na cultura brasileira, a escola também reverenciou alguns dos atores que se apropriaram do almanaque e influenciaram a cultura popular nordestina. O desfile e enredo fizeram referência ao cordelista Manoel Caboclo e Silva, produtor do almanaque de cordel “Juízo do Ano”, ao Movimento Armorial, à obra do escritor Ariano Suassuna e ao artista Antonio Nóbrega. O Movimento Armorial foi uma iniciativa artística idealizada por Suassuna e lançado em 1970 com o objetivo de criar uma arte erudita brasileira a partir das raízes populares da cultura (Newton Júnior, 2008).

O carro alegórico “A casa dos horóscopos”, com uma placa com os dizeres “Folhetaria”, fez referência à Folhetaria Casa dos Horóscopos de Manoel Caboclo, onde vendiam-se almanaques e literatura de cordel. As alas “Céu estrelado”, “Predições dos signos” e “Presciente Manoel Caboclo” remetem à prática astrológica do cordelista, que lhe rendia a fama de poder prever o futuro. O poeta, como muitos produtores de almanaques de cordel influenciados pelo Lunário, editava horóscopos e atendia a consultas particulares (Benjamin, 2000). Manoel Caboclo também foi homenageado por sua produção literária de folhetos de cordel: a ala “O assombro do sertão”, representada por lobisomens, remete a um dos cordéis mais famosos de Caboclo, intitulado “O valente Cobra Choca na pega do lobisomem”.

O carro “Armorial da Arte Popular” homenageava Ariano Suassuna e o movimento por ele idealizado, trazendo diversos elementos de sua obra artística e literária, como uma representação do “Auto da Compadecida”, peça de 1955 do escritor. A alegoria incluía um busto de Ariano Suassuna e elementos estéticos da arte armorial, remetendo também à obra do artista pernambucano Gilvan Samico. A homenagem a Suassuna evoca a influência que o Lunário teve

em sua obra. Em 1971, Suassuna publicou o livro “Romance d’A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta”. Seu protagonista, Quaderna, é escritor de almanaques, astrólogo e mantém uma coluna de horóscopo em um jornal. O romance faz várias alusões ao Lunário Perpétuo, que foi uma das principais fontes de leitura e consulta para os escritores de almanaques do Nordeste (Szesz, 2008). Em determinado momento da narrativa, em que Quaderna é interrogado acerca do seu conhecimento sobre ervas medicinais, o personagem responde: “o que eu sei de raízes é o que aprendi no Lunário Perpétuo e nas coleções do Almanaque do Cariri” (Suassuna, 2017, p. 383).

O próprio Suassuna foi leitor de almanaques sertanejos ainda na sua infância na Paraíba. O autor prestou homenagem a esse gênero ao intitular “Almanaque Armorial” sua coluna semanal no jornal Folha de S. Paulo, que durou de 2000 a 2001 (Newton Júnior, 2008). Em uma de suas colunas, o autor faz um elogio ao almanaque, afirmando que ele, “como gênero, recusa-se àquelas friezas intelectuais, cerebralistas e isoladoras e é, no mundo contemporâneo, um dos últimos herdeiros do Humanismo” (Suassuna, 2000b). Ele cita o Lunário em suas colunas iniciais, tomando-o como fonte de inspiração e afirmando que ele foi um livro influente em sua vida (Suassuna, 2000a; 2000b).

O músico Antonio Nóbrega, também representante do Movimento Armorial, desfilou no carro alegórico “O Lunário Perpétuo de um brincante”, que celebrava sua carreira e obra. No trecho inicial do samba-enredo há uma referência direta ao músico, que se identifica como um “brincante”:

Vem Antônio, vem menino!  
Seu destino é cirandar  
Um brincante nordestino  
A missão: perpetuar! (Lunário [...], 2024).

Antonio Nóbrega é um multifacetado artista, reconhecido como ator, dançarino, músico e pesquisador das manifestações culturais populares do Brasil. Nóbrega, convidado por Suassuna nos anos 1970, integrou o grupo musical Quinteto Armorial. O artista lançou em 2002 um álbum intitulado “Lunário Perpétuo”, e em 2003, o álbum foi transformado em espetáculo e lançado em DVD, com direção de Walter Carvalho. A canção que dá nome ao álbum e espetáculo reverencia o almanaque, que é também guia que atravessa o tempo. Isso é evidenciado nos versos de sua canção:

Meu lunário é conselheiro, é meu folheto, é meu missal  
Atravessando os milênios, cada ponto cardeal  
De norte a sul, de pai para filho, de lá para cá  
Meu livrinho andarilho  
Fabuloso romançal (Lunário [...], 2002).

As alas “Excelência da Mãe de Deus”, “Marujos da Nau Catarineta”, “Tonheta e o Foguete Brasileiro” e “A Filha do Imperador do Brasil” representam algumas das expressões artísticas de Nóbrega. Entrevistado após a transmissão do desfile, Nóbrega reconheceu: “estou sendo homenageado pela maior referência, pela maior construção simbólica popular que o Brasil fez, que é a escola de samba” (Globeleza, 2024).

O samba-enredo da escola inclui em seus versos uma passagem que declara: “Sou seu Lunário, conselheiro imortal, já folheando cada ponto cardeal” (Lunário [...], 2024). Ao definir o almanaque como “conselheiro imortal” e citar os pontos cardeais, os versos destacam o papel de manual e guia que o Lunário e outros almanaques desempenhavam na vida dos sujeitos, que os consultavam para se informar sobre uma gama variada de assuntos. É “imortal” pois é um

documento que atravessa os séculos e permanece na cultura e na memória coletiva.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda que não tenha hoje a mesma circulação e influência que teve no Brasil até meados do século XX, o Lunário Perpétuo permanece no imaginário e na cultura popular brasileira. Isso é evidenciado pela influência que exerceu sobre muitos dos almanaques posteriores, que o tomaram como modelo e referência. Ele ajudou a perpetuar e transmitir práticas, saberes e tradições aos leitores ao longo dos séculos. Sua permanência na literatura e na música é notável, presente nas obras de Ariano Suassuna e Antonio Nóbrega. Sua influência também se manifestou entre cordelistas e cantadores populares nordestinos, bem como na inspiração de artistas populares na festa do carnaval, símbolo da força e resistência da cultura popular.

O presente estudo teve por objetivo analisar a releitura do Lunário Perpétuo realizada pela Escola de Samba do Porto da Pedra de modo a identificar formas como o Lunário circula e permanece na cultura popular brasileira através de suas apropriações e releituras. A permanência do Lunário Perpétuo é evidenciada pela homenagem da Escola de Samba, que aludiu ao valor simbólico, histórico e cultural do almanaque, explorando sua temática, circulação e influências.

Desse modo, foi possível concluir que o Lunário tem longevidade ao longo dos séculos ao manifestar sua influência ainda hoje na cultura popular. Isso reflete sua importância enquanto documento e dispositivo infocomunicacional que medeia a informação e a cultura, e evidencia a relevância duradoura da comunicação popular escrita na cultura.

## REFERÊNCIAS

AGOSTINELLI, Serge. Comment penser la médiation inscrite dans les outils et leurs dispositifs?: une approche par le système artefactuel. **Distances et savoirs**, [s. l.], v. 7, n. 3, p. 355-376, 2009. Disponível em:

<https://www.cairn.info/revue-distances-et-savoirs-2009-3-page-355.htm>.

Acesso em: 11 set. 2023.

ALMEIDA, Argus Vasconcelos de. **Saberes e práticas de cura no “Lunário Perpétuo” de Gerónimo Cortés (1555-1615) e sua influência no Nordeste brasileiro**. Olinda: [s. n.], 2012.

BENJAMIN, Roberto Emerson Câmara. **Folkcomunicação no contexto de massa**. João Pessoa, UFPB, 2000.

BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative research in psychology**, [s. l.], v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006.

Disponível em: <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>. Acesso em: 27 abr. 2024.

BURKE, Peter. **Cultura popular na Idade Moderna: Europa, 1500-1800**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. 13. ed. São Paulo: Global, 2024.

CORTEZ, Jeronymo. **Lunario e prognostico perpetuo**: actualizado e remodelado incluindo uma lista biográfica dos papas. Introdução de João Arrepiá. Porto: Lello Editores, 2004.

CORTEZ, Jeronymo. **Lunario e prognostico perpetuo**: para todos os reinos e províncias. Porto: Livraria Chardron, Lello & Irmão, 1910. Disponível em: [http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo\\_digital/div\\_obrasgerais/drg792201/drg792201.pdf](http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_obrasgerais/drg792201/drg792201.pdf). Acesso em: 15 abr. 2024.

CORTEZ, Jeronymo. **Lunario perpetuo**: prognostico geral e particular para todos os reinos e províncias. Traduzido e emendado por Antonio da Silva Brito. Lisboa: Livraria de Antonio Maria Pereira, 1897.

CORTEZ, Jeronymo. **O non plus ultra do lunario, e pronostico perpetuo geral, e particular para todos os reynos, e provincias**: emendado conforme o Expurgatorio da Santa Inquisição. Traduzido por Antonio da Silva de Brito. Lisboa: Officina de Domingos Gonsalves, 1757. Disponível em: [https://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo\\_digital/div\\_obrasgerais/drg1491512/drg1491512.pdf](https://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_obrasgerais/drg1491512/drg1491512.pdf). Acesso em: 15 abr. 2024.

DOURADO, Stella Moreira. **O almanaque enquanto documento de comunicação e informação popular escrita**: a coleção da família Carneiro Rezende. 2018. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro - Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <http://objdig.ufrj.br/30/teses/870908.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2024.

FERREIRA, Jerusa Pires. Almanques. *In*: MEYER, Marlyse (org.). **Do almanak aos almanques**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001. p. 19-22.

FIGUEIRÊDO, Franselma Fernandes de. As fortunas eruditas e populares do Lunário Perpétuo. **Imburana**: revista do Núcleo Câmara Cascudo de Estudos Norte-Rio-Grandenses/UFRN, Natal, v. 5, n. 9, p. 23-35, jan./jun. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/imburana/article/view/6257>. Acesso em: 13 fev. 2024.

FOUCAULT, Michel. Le jeu de Michel Foucault. *In*: FOUCAULT, Michel. **Dits et écrits**: 1954-1988: [tome] 3: 1976-1979. Paris: Gallimard, 1994. p. 298-329.

FROHMANN, Bernd. O caráter social, material e público da informação. *In*: FUJITA, Mariângela Spotti Lopes; MARTELETO, Regina Maria; LARA, Marilda Lopes Ginez de (org.). **A dimensão epistemológica da ciência da informação e suas interfaces técnicas, políticas e institucionais nos processos de produção, acesso e disseminação da informação**. São Paulo: Cultura Acadêmica; Marília: Fundepe, 2008. p. 17-34.

GLOBELEZA. Rio de Janeiro: TV Globo, 11 fev. 2024. Programa de TV.

GUERREIRO, Manuel Viegas; CORREIA, J. David Pinto. Almanques ou a sabedoria e as tarefas do tempo. **Revista ICALP**, [Lisboa], v. 6, p. 43-52, ago./dez. 1986. Disponível em: <http://cvc.instituto-camoes.pt/dmdocuments/almanques.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2024.

JEANNERET, Yves. **Penser la trivialité**: volume 1: la vie triviale des êtres culturels. Paris: Lavoisier, 2008.

JEANNERET, Yves. Dispositif. In: COMMISSION NATIONALE FRANÇAISE POUR L'UNESCO. **La "société de l'information"**: glossaire critique. Paris, La Documentation Française, 2005. Disponível em: [https://www.diplomatie.gouv.fr/IMG/pdf/Glossaire\\_Critique.pdf](https://www.diplomatie.gouv.fr/IMG/pdf/Glossaire_Critique.pdf). Acesso em: 25 abr. 2024.

LE GOFF, Jacques. Calendário. In: LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 7. ed. São Paulo: Unicamp, 2021.

LUNÁRIO Perpétuo: a profética do saber popular. Intérprete: Wantuir de Oliveira. Compositores: Guga Martins, Passos Júnior, Gustavo Clarão, Lucas Macedo, Leandro Gaúcho, Clairton Fonseca, Richard Valença, Gigi da Estiva, Abílio Jr., Marquinho Paloma, Cristiano Teles e Ailson Picanço. São Gonçalo: Porto da Pedra, 2024. Disponível em: <https://www.portodapedra.com.br/samba>. Acesso em: 17 abr. 2024.

LUNÁRIO Perpétuo. Intérprete: Antônio Nóbrega. Compositores: Bráulio Tavares, Wilson Freire, Antônio Nóbrega. In: LUNÁRIO Perpétuo. Intérprete: Antônio Nóbrega. São Paulo: Tratore, 2002. 1 CD, faixa 15.

MARTELETO, Regina Maria. Tierce connaissance et rencontre de savoirs : pour une épistémologie sociale de l'information. In: JOURNÉES SCIENTIFIQUES INTERNATIONALES DU RÉSEAU MUSSI, 3., 2016, Toulouse. **Anais eletrônicos [...]**. Toulouse: ENFA, 2016. p. 38-51. Disponível em: <https://remussi.org/wp-content/uploads/2019/04/MUSSI2016-InterieurFINAL.pdf>. Acesso em: 5 jun. 2024.

MARTELETO, Regina Maria; COUZINET, Viviane. Mediações e dispositivos de informação e comunicação na apropriação de conhecimentos: elementos conceituais e empíricos a partir de olhares intercruzados. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, jun. 2013. Disponível em: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/450/1104>. Acesso em: 19 fev. 2024.

MARTELETO, Regina Maria; DOURADO, Stella Moreira. Os almanaques e a circulação social dos objetos culturais: bibliografia, coleções, rastros de leitura. **Em questão**, Porto Alegre, v. 25, p. 354-372, 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.19132/1808-5245250.354-372>. Acesso em: 13 fev. 2024.

MARTELETO, Regina Maria; GUIMARÃES, Cátia; NÓBREGA, Nanci Gonçalves da. Almanaque da dengue: conhecimento, informação e narrativas de saúde. *In*: MARTELETO, Regina Maria; STOTZ, Eduardo Navarro (org.). **Informação, saúde e redes sociais**: diálogos de conhecimentos nas comunidades da Maré. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ; Belo Horizonte: UFMG, 2009. p. 83-106. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/23585>. Acesso em: 19 fev. 2024.

MARTELETO, Regina Maria; NÓBREGA, Nanci Gonçalves da. Les documents et leurs appropriations: réflexions sur “information-document” et reserve symbolique. **Sciences de la Société**, Toulouse, n. 68, p. 28-43, maio 2006.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Do folclore ao popular. *In*: MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. 7. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2013.

MEDEIROS, Aline da Silva. Notas sobre a produção, a circulação e a leitura do Lunário Perpétuo de Jerônimo Cortez entre Portugal e o Brasil. **Revista portuguesa de História**, [Coimbra], n. 46, p. 163-184, 2015.

MEYRIAT, Jean. Documento, documentação, documentologia. **Perspectivas em Ciências da Informação**, Belo Horizonte, v. 21, n. 3, p. 240-253, jul./set. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/22480>. Acesso em: 14 mar. 2024.

NEWTON JÚNIOR, Carlos. Ariano Suassuna: do ensaio ao Almanaque. *In*: SUASSUNA, Ariano. **Almanaque Armorial**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

PARK, Margareth Brandini. **Histórias e leituras de almanaques no Brasil**. São Paulo: Fapesp, 2010.

PELLEGRINI FILHO, Américo. **Comunicação popular escrita**. São Paulo: Edusp, 2009.

PORTO DA PEDRA. Lunário perpétuo: a profética do saber popular. *In: Porto da Pedra*. [São Gonçalo]. Disponível em: <https://www.portodapedra.com.br/enredo>. Acesso em: 19 fev. 2024.

SIMAS, Luiz Antonio. **Almanaque brasilidades**: um inventário do Brasil popular. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2018.

SIMAS, Luiz Antônio. Luiz Antônio Simas sobre o carnaval do Brasil: 'A luta e a festa são irmãs'. Entrevistador: Rodrigo Chagas. **Brasil de fato**, São Paulo, 21 fev. 2023, 08:20. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2023/02/21/luiz-antonio-simas-sobre-o-carnaval-do-brasil-a-luta-e-a-festa-sao-irmas>. Acesso em: 27 jun. 2024.


SIMAS, Luiz Antonio. **O corpo encantado das ruas**. 11. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022.

SUASSUNA, Ariano. Almanaque armorial brasileiro. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, ano 80, n. 26.031, p. E8, 10 jul. 2000a. Ilustrada. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1007200026.htm>. Acesso em: 27 jun. 2024.

SUASSUNA, Ariano. Elogio do almanaque. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, ano 80, n. 26.038, p. E8, 17 jul. 2000b. Ilustrada. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1707200019.htm>. Acesso em: 17 abr. 2024.

SUASSUNA, Ariano. **Romance d'A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta**. 16. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

SZESZ, Christiane Marques. Os almanaques populares: leituras e apropriações em Ariano Suassuna. *In: ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA*, 9., 2008, Porto Alegre. **Anais [...]**. Porto Alegre, UFRGS, 2008. Disponível em: [http://eeh2008.anpuh-rs.org.br/resources/content/anais/1209320608\\_ARQUIVO\\_CHRISTIANEMARQUESSZESZ-CITACOESDEALMANAQUES.pdf](http://eeh2008.anpuh-rs.org.br/resources/content/anais/1209320608_ARQUIVO_CHRISTIANEMARQUESSZESZ-CITACOESDEALMANAQUES.pdf). Acesso em: 19 fev. 2024.

**Copyright:** Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. 



 [tpbci@ancib.org](mailto:tpbci@ancib.org)

 [@anciboficial](https://www.instagram.com/anciboficial)